

CIÊNCIA

Brasil encontra tesouro indígena do século 19 perdido na Áustria

Índios vêm exposição

da Sucursal de Brasília

O roteiro da exposição Natterer inclui um público especial: índios ticuna e munduruku, que sobreviveram às investidas colonizadoras, mas que tiveram sua cultura alterada à força.

Os ticuna têm um trabalho já consolidado de resgate cultural, com a busca de técnicas artesanais e costumes que foram esquecidos. Uma de suas aldeias tem um museu, organizado pelos próprios índios.

Com objetos espalhados pelo chão, à disposição da interferência do visitante, esse museu não se enquadra no padrão "civilizado". A coleção deverá, no próximo ano, ser ampliada com fotografias de objetos que estão em Viena.

Os ticuna vivem no oeste do Amazonas e não tiveram contato direto com Natterer. O naturalista austríaco conseguiu algumas de suas peças por permuta.

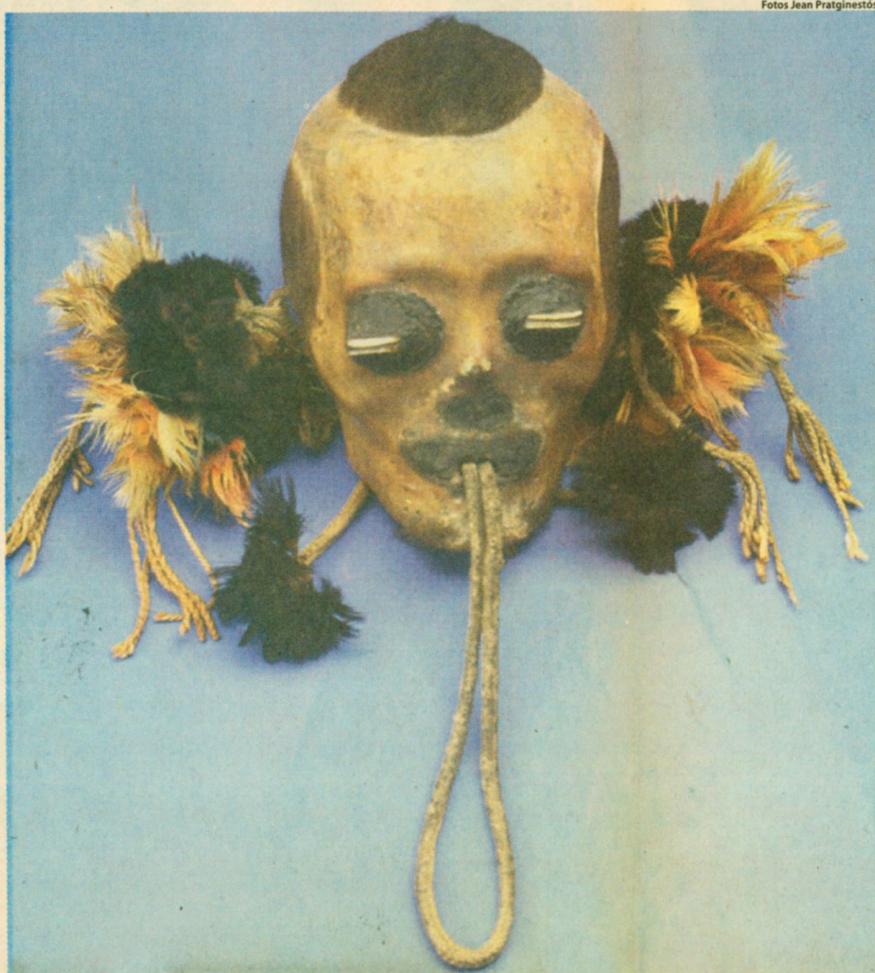
O contato direto com os índios está a cargo do diretor do Museu Amazônico, Geraldo Sá Peixoto, professor da Universidade Federal do Amazonas. "Sem esse 'resgate cultural', a exposição de Natterer não faz o menor sentido para mim", disse ele.

Bandeja de cheirar

O contato com os brancos teve resultados muito diferentes entre os povos indígenas. Os maués, por exemplo, preservam boa parte de sua cultura, apesar do contato de mais de três séculos.

Deixaram de lado, porém, um objeto que é uma das vedetes da exposição — uma bandeja que os pajés utilizavam para cheirar pó alucinógeno, que nada tem a ver com cocaína.

A exposição de Natterer inclui também coisas dos manaués, que deram o nome a Manaus. A maior parte do grupo foi dizimada em uma guerra com os portugueses 50 anos antes das expedições de Natterer. (PSP)



Cabeça humana mumificada por índios recolhida pelo naturalista Johannes von Natterer (1787-1843)



Zarabatanas envenenadas dos waupes e bandeja para pó alucinógeno dos maués, da coleção Natterer

O naturalista Johannes von Natterer levou os objetos para a Europa em 1835

PAULO SILVA PINTO da Sucursal de Brasília

Os brasileiros começam a conhecer dentro de duas semanas as imagens da maior "geladeira etnográfica" da Amazônia. É uma coleção de 1.500 objetos indígenas que o naturalista austríaco Johannes von Natterer (1787-1843) coletou de 1822 a 1835.

Três andares abaixo do solo, em câmaras sem luz, com temperatura e umidade controladas, o Museu für Völkerkunde (museu de etnologia), em Viena, conserva cocares, cerâmicas, flechas e cestarias com mais de um século e meio e que parecem ter sido coletadas na semana passada. No cofre do museu está trancado um vidro de veneno de curare para setas lançadas por zarabatanas.

As peças não são mais produzidas hoje. Ou porque os grupos indígenas foram extintos — caso dos manaués, que deram nome a Manaus, capital do Amazonas —, ou porque perderam a cultura artesanal — caso dos mundurukus.

O historiador Victor Leonardi, da UnB (Universidade de Brasília), é o responsável pela vinda dos objetos. Num primeiro momento, chegam apenas as imagens feitas pelo fotógrafo Juan Pratginestós.

Começa no dia 21, na biblioteca central da UnB, uma exposição de 130 fotografias de alguns objetos amazônicos recolhidos pelo naturalista austríaco. Dia 25 de novembro as fotografias vão estar em Manaus. Em abril do próximo ano deverão ir para o Rio e São Paulo.

Missão Leopoldina

Natterer chegou ao Brasil em 1817 com a princesa austríaca Leopoldina, casada por procuração com o herdeiro do trono português, Dom Pedro. O imperador Francisco 1º mandou com a filha uma missão científica e cultural.

A idéia era levar imagens, objetos e descrições do Brasil. Segundo Leonardi, a nobreza austríaca era sedenta por informações do país, que havia ocupado a posição de maior exportador mundial de ouro do mundo durante o século anterior. Ainda era visto como o país mais rico do Hemisfério Sul.

Os pintores Thomas Ender e Johann Buchberger e um dos cientistas, o doutor Mikan, que integravam a expedição, voltaram seis meses depois por problemas de saúde e falta de adaptação ao clima. Dois outros cientistas esticaram a estadia por mais três anos. Natterer não se deu por contente: resolveu ficar até 1835.

Cabanagem

Em 1822, Natterer partiu para Cuiabá. Em Mato Grosso, teve de parar por quatro anos para se recuperar de uma doença, que foi mortal para Sochor, o caçador austríaco que o acompanhava.

Recomeçou a trajetória em 1829. Durante cinco anos, desceu os rios Guaporé e Madeira, subiu o Negro e o Branco até a fronteira com a Venezuela (veja quadro abaixo).

Os objetos indígenas que recolheu eram uma pequena parte da coleção. Ele tinha um apreço ainda maior por matar e conservar animais — levou 32.825 insetos, 12.293 aves e 1.729 vidros com vermes, entre outros.

Conseguiu chegar até Belém com animais vivos, destinados ao jardim imperial. Mas foram todos mortos pelos manifestantes da Cabanagem. Essa revolta no Pará, entre 1835 e 1836, e o medo de que outras aparecessem, encurtou seus planos de viagem.

Áustria: mil anos

Com todas as dificuldades, foi mais fácil Natterer convencer o governo austríaco a bancar suas expedições do que, 150 anos depois, arranjar patrocínio para fotografar sua coleção.

O projeto, orçado em R\$ 40 mil, foi desengavetado neste ano graças às comemorações dos mil anos da Áustria. Teve a ajuda de empresas instaladas no Brasil (Voest-Alpine, Haas, Phoenix-Böhler, Transbrasil e BBA-CA).

Alguns documentos microfilmados de Natterer também virão para o Brasil. Dele há apenas 60 cartas, escritas a amigos, e seis páginas de seu diário, perdido em um incêndio. Os especialistas em alemão do século passado já podem consultar o material no Cedoc (Centro de Documentação da UnB).

Martius veio na missão de Natterer

da Sucursal de Brasília

Um dos maiores concorrentes de Natterer em quantidade de material coletado no Brasil foi o botânico alemão Carl Philipp von Martius (1794-1868), que veio na mesma missão de Natterer.

Martius coletou também perto de 1.500 objetos indígenas, mas quase nada da Amazônia.

Sua principal obra, a "Flora Brasiliensis", demorou 18 anos para ser concluída. Em sete volumes, descreve 6.500 plantas brasileiras, muitas descobertas por ele.

Natterer queria fazer o mesmo trabalho com as aves do Brasil — ele havia descoberto 205 novas espécies. Morreu antes de terminá-lo. O esboço que escreveu foi destruído por um incêndio.

Até a coroa portuguesa financiou uma expedição, chefiada pelo baiano Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815). O material coletado está em Coimbra, Portugal.

Em 97, 300 desses objetos, em estado de conservação inferior aos guardados na Áustria, vão ser expostos em Manaus. (PSP)

As dez viagens de Natterer pelo Brasil



■ Volta a Viena (Áustria), via Londres, no dia 15 de setembro de 1835

A bagagem de Natterer (o que ele levou para a Europa)

430 amostras de minerais	409 crustáceos	1.678 anfíbios	125 ovos	147 amostras de madeira
1.729 vidros com vermes	32.825 insetos	12.293 aves	192 crânios	216 moedas
42 pedaços de animais em vidros	1.671 peixes	1.146 mamíferos	242 sementes	1.429 objetos etnográficos

Fonte: Museu Emilio Goeldi

Filha mestiça virou baronesa austríaca

da Sucursal de Brasília

Nos últimos anos de sua viagem ao Brasil, Johannes von Natterer casou-se com Maria do Rego. O prenome e o sobrenome portugueses são na verdade de uma índia mura que morava em Barcelos, a primeira capital do Amazonas.

Os mura estavam entre os povos nativos mais arredios aos colonizadores. Sua insubordinação, segundo o historiador Victor Leonardi, da Universidade de Brasília, rendia-lhes a fama deturpada de ladrões e preguiçosos.

O austríaco teve três filhos com Maria do Rego na Amazônia. Levadas para a Áustria, ela e duas das crianças não resistiram ao primeiro inverno. Só não morreu a filha mais velha, Gertrude.

Seu nome foi modificado mais tarde para baronesa Gertrude von Schröckinger, depois de casar-se com um nobre austríaco. Tiveram um filho, que tornou-se militar, de acordo com a correspondência trocada no final do século entre ela e o cientista suíço radicado no Pará Emílio Goeldi.

Casado com uma índia, nem

sempre Natterer tinha contatos "politicamente corretos" com os brasileiros nativos.

Natterer chegou a fazer glossários de palavras compiladas entre 60 grupos indígenas. Mas, para conquistar a simpatia das tribos, Natterer às vezes usava o recurso de distribuir cachaça.

As coleções zoológicas foram resultado de uma matança. Natterer tirava a pele de pelo menos dois mamíferos e uma ave por dia, sem descanso nos fins de semana.

Depois da morte de seu caçador, ele treinou um escravo negro, Luís, que libertou no retorno à Europa. Luís tornou-se o melhor taxidermista de Belém, aproveitando o mercado de expedições.

O nome do naturalista é hoje lembrado na denominação de animais. Deu o sobrenome à espécie de morcego *Nyctejus natteri*, ao papagaio *Chrysotis natteri*, ao *Picus natteri* (um pica-pau), a *Penelope natteri* (jacu), entre outros.

A escolha não foi do austríaco. Cientistas da época é que decidiram homenageá-lo. Deram seu nome a espécies que ele descobriu. (PSP)